

PIPA / PILOTO

O gesto determinado (e airoso), religioso, criado por Lúcio Costa, idealizador de nossa cidade-céu,

- a) será um pássaro?
- b) será um avião?
- c) plano/piloto?
- d) corpo/piloto?
- e) pipa /piloto?

Stella Maris de Figueiredo





A PIPA E A XILO, DOIS CASOS DE AMOR À BRASILEIRA

De tal modo o "papagaio" faz parte da poética visual de nossas cidades e da infância dos brasileiros que o encaminhamento estético da pesquisa que venho desenvolvendo há anos sobre suportes alternativos para gravura foi naturalmente se aproximando da pipa, por sua leveza, simplicidade e elegância, depois de passar pelos estandartes, bandeiras, peneiras e bastidores.

No início estava perfeitamente convencida da brasilidade desta brincadeira, tão lírica e adaptada aos nossos imensos espaços e ao generoso céu de Brasília. Só depois de ir ao Japão percebi quão ancestral e universal pode ser o folclore, com pontos de tangência aparentemente inconciliáveis como os de um "omatsuri" japonês e uma festa junina brasileira tradicional. Que mistério é este que faz, em contrapartida, a música caipira brasileira ser um sucesso, hoje em dia, em países tão desconcertantes quanto a China e a Rússia? Eis uma complicada questão de gosto para estetas e antropólogos.

Ao contrário do Japão, no Brasil a pipa se tornou somente uma questão de forma, sem nenhuma ilustração ou monumentalidade. Daí a sua enorme divulgação e popularidade: os materiais precários e de baixo custo a tornaram acessível a todas as classes sociais. Até hoje pode ser considerada o brinquedo de eleição das favelas urbanas, por questões óbvias, sendo a responsável por um mínimo de fantasia na vida das crianças brasileiras menos favorecidas pela sociedade.

Dentro de uma relativa simplicidade, pode-se dizer que a pipa se regionalizou com pequenas variantes de forma e uma certa multiplicidade de nomes. Sendo basicamente feita com varetas de bambú (*Bambusa Vulgaris*) e de buriti (*Mauritia Vinifera*), de grude (cola caseira feita com polvilho) e com papel de seda, a forma da armação, a abertura do cabresto, a existência ou não da rabiola, determina uma diversificada tipologia, a saber: papagaio, arraia, pião, pipa, cafifa e nomes mais regionalizados como pandorga, quadrado, taploca e balde (ver "Novo Dicionário Aurélio", Ed. Nova Fronteira, RJ).





Esta consagração idiossincrática fica ainda mais explícita na recorrência com que os artistas brasileiros - e não só os "primitivos" - usaram a pipa como elemento plástico ou simbólico em suas obras, como Portinari.

Quanto à xilogravura, a atração que exerce sobre os artistas brasileiros só não é uma evidência para os preconceituosos que a consideram uma manifestação artística menor. Foi pela música, pela arquitetura e pela xilogravura que a arte brasileira alcançou reconhecimento mundial entre os anos 50 e 60. Os prêmios internacionais em artes plásticas levantados pelo Brasil, o foram por xilogravadores como Osvaldo Goeldi, Fayga Ostrower e Maria Bonomi. E nem poderia ser de outra maneira, num país que tem madeira no nome e cor del nas veias.

As nossas xilo-pipas pretendem ter feito uma simbiose que, se na prática as aproximam da japonesa, esteticamente as distanciam e que, saindo do circuito das exposições somente nacionais, vêm a provar que quanto mais regional, mais universal ou, em outras palavras que "Deus está nos detalhes".

Profa. STELLA MARIS DE FIGUEIREDO  
Departamento de Desenho